



Cultura nordestina

Símbolos e artefatos
das festas juninas
de territórios do sertão

Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial

Coordenação:

Prof. Dr. Luciano Sérgio Ventin Bomfim

Coordenação Editorial:

Prof^a Dr^a Anna Christina Freire Barbosa
Prof^a Dr^a Andréa Cristiana Santos

Pesquisa:

Arilsângela de Jesus Conceição
Adson Cardoso de França
Carlos Henrique Brandão Gomes
Dajana Gabriella Nobrega Santos da Silva
James Lima Chaves
Juliana Gabriela Alves de Oliveira
Tânia Cristina da Silva
Suzana de Alencar Cavalcante

Revisão:

Prof^a Dr^a Anna Christina Freire Barbosa
Prof^a Dr^a Andréa Cristiana Santos
Tânia Cristina da Silva

Projeto Gráfico:

Trina Bernardes

Capa – Foto:

Grupo Junina Buscapé. Acervo da Associação de Servidores da
Universidade Federal do Vale do São Francisco (Assunivasf)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Cultura nordestina [livro eletrônico] : símbolos e
artefatos das festas juninas de territórios do
sertão / organização Anna Christina Freire
Barbosa, Andréa Cristiana Santos. -- Juazeiro,
BA : Andrea Cristiana Santos, 2022.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-00-51515-2

1 Cultura nordestina I. Barbosa, Anna Christina
Freire. II. Santos, Andréa Cristiana.

22-124997

CDD-306.09813

Índices para catálogo sistemático:

1.Cultura : Nordeste : Brasil : Sociologia
306.09813

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Sumário

- 4** **Apresentação**
Adson Cardoso de França, Andréa Cristiana Santos, Arilsângela de Jesus Conceição e Tânia Cristina da Silva
- 7** **Salve, Santo Antônio**
Suzana Alencar Cavalcante
- 10** **São João passou por Juazeiro**
Arilsângela de Jesus Conceição, Adson Cardoso de França e Tânia Cristina da Silva
- 12** **São João arrasta pé no salão**
Arilsângela de Jesus Conceição, Adson Cardoso de França e Tânia Cristina da Silva
- 16** **Doces e licores para o santo festeiro**
Juliana Gabriela Alves Oliveira
- 18** **Cultura escolar no São João da Praça**
James Lima Chaves
- 20** **Cultura musical nos festejos juninos**
Carlos Henrique Brandão Gomes e Dajana Gabriella Nobrega Santos da Silva

Apresentação

Adson Cardoso de França¹

Andréa Cristiana Santos²

Arilsângela de Jesus Conceição³

Tânia Cristina da Silva⁴

4

Foto: Suzana A. Cavalcante

¹Pedagogo (UNEB), Mestre em Extensão Rural (UNEB) e Doutorando em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT-UNEB)

²Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Bacharel em Comunicação Social, Mestre em História Social (UFBA) e Doutorado em Comunicação (UFRJ)

³Graduada em Nutrição (UFRB), Mestre em Ciências da Saúde (UNIVASF) e Doutoranda em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT-UNEB)

⁴Pedagoga (UNEB) Mestra em Administração (UFBA), Pedagoga (UNIVASF) e Doutoranda em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT-UNEB)

F

estejar a passagem do tempo foi historicamente uma das fecundas tradições dos povos antigos. Antes do processo de expansão da doutrina cristã, homens e mulheres realizavam práticas ritualísticas de culto ao fogo, mantinham crenças e superstições que os ajudavam a compreender o mundo que os cercava junto ao contato com a natureza. As práticas culturais se relacionavam com o calendário agrário, o solstício – a célebre data de 23 de junho – e o equinócio – 23 de setembro (PAULA, 2020).

Com a secularização do mundo, a tradição se manteve, desenvolvendo uma relação de hibridismo cultural que relaciona práticas de devoção aos santos católicos – Santo Antônio, São João e São Pedro – com o mundo pagão, as festas, entretenimento e, mais recentemente, a uma economia da cultura dos festejos juninos.

As festas juninas abrangem diferentes expressões e símbolos culturais, sociais e históricos, com os quais nos relacionamos de maneira espontânea (PAULA, 2020). Entre os símbolos, estão a fogueira, os fogos de artifício, as quadrilhas, as barracas, a ornamentação de ruas, o forró e as comidas típicas da época.

Bruno César – Espaço Plural/Univasf

As festas de São João no Nordeste foram sendo alteradas em seu caminho histórico por modificações, influenciadas por fatores sociais, políticos, econômicos e culturais, que, ligados à globalização, resultaram em (re)configurações das manifestações culturais advindas das hibridizações da cultura e fragmentações das identidades culturais (GONÇALVES; BEZERRA, 2021).

De tradição religiosa, aos poucos, o festejo foi incorporando influências da cultura popular, seja nas mais variadas apropriações, como as apresentações musicais em pátios de dança e em festejos escolares. As quadrilhas são exemplos dos artefatos culturais alusivos ao período junino, que nos possibilitam observar as reconfigurações e adaptações da cultura popular. A sua introdução se deu pelos europeus, sendo caracterizada na época como dança aristocrática, originária dos salões franceses e trazida pela corte portuguesa para o Brasil. Porém, os quadrilheiros se apropriaram e fizeram adaptações ao gosto popular, mantendo viva a tradição.

Para expressar a riqueza das manifestações culturais como parte da identidade cultural do povo nordestino, o catálogo traz a apropriação do festejo junino a partir do território onde residem os discentes da terceira turma do Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT), mantido pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF); Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus III), e Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Os discentes fizeram a pesquisa no transcurso da disciplina Cultura, Identidade e Território, ministrada por Anna Christina Freire Barbosa e Andréa Cristiana Santos, no período de 22 de abril a 16 de maio de 2022.

O catálogo se propõe a ser um documento de expressões culturais que circulam e que precisam ser documentadas, uma vez que existem poucos registros das manifestações culturais aqui relatadas. A metodologia usada foi a pesquisa bibliográfica e relatos orais, coletados junto às pessoas que são consideradas aqui como fazedores de cultura, pois produzem arte e difundem saberes nos territórios que habitam.

O território é nomeado simbolicamente a partir das interações simbólicas que homens e mulheres desenvolvem nas comunidades em que vivem e tecem as tramas de suas existências. Nesse sentido, o espaço “não se define apenas pela relação de complementariedade entre homem e meio (...), mas também pelas práticas de nomeação, de expressão e simbolização dos grupos humanos em relação a esse meio e no interior da sociedade” (RABELO, 2014). Por isso, o espaço aqui é representado e se expressa por meio da tradição das festas juninas, das crenças religiosas, da música, dança, nas comidas e bebidas presentes nas práticas culturais nos sertões nordestinos.

Foram selecionadas, como corpus analítico dos festejos juninos, as seguintes manifestações: Festa de Santo Antônio ou Pau da Bandeira, em Barbalha, no Ceará; as memórias do São João e as reconfigurações do festejo a partir da atuação da quadrilha junina Buscapé, em Juazeiro; a produção de licor, em Senhor do Bonfim; a cultura escolar em Cruz das Almas, no recôncavo baiano; e a tradição musical em Paulo Afonso, cidades situadas no estado da Bahia.

Referências

GONÇALVES, E. G.; BEZERRA, E. K. S. Tradição, Modernidade e Espetáculo: As Quadrilhas Juninas “A Bordo do Expresso Sonho Azul”. XVII ENECULT Encontro de estudos multidisciplinares em cultura, Salvador, 27 a 30 de jul. 2021.

PAULA, S. G. Arromba chão que anima o salão, quadrilha de São João! Memórias, danças e transformações das quadrilhas juninas em Salvador. 2020. Dissertação (Mestrado em Dança) – Programa de Pós-Graduação em Dança, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, 2020. 185 f. il. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/33581>. Acesso em 13 maio 2022.

RABELO, Elson Assis. A visão em deslocamento: uma história de palavras, figuras e paisagens do Rio São Francisco (1930/1970). Tese (Programa de Pós-Graduação em História), UFPE, 2014.

Salve, Santo Antônio

Suzana Alencar Cavalcante¹

7

Foto: Suzana A. Cavalcante

¹Graduada em Serviço Social (UNESA), Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável pela Universidade Federal do Cariri – UFCA, Especialista em Inovação Social e Economia Solidária pela UFCA e Doutoranda em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT-UNEB)



Foto: Suzana A. Cavalcante

Olha quanta alegria, que beleza
A multidão faz fileira, hoje é dia
Vamos buscar o pau da bandeira
Homem, menino e mulher
Todo mundo vai a pé
A cachaça na carroça
Só num bebe quem num quer

Composição: Alcymar Monteiro e João Paulo

n

a cidade de Barbalha, circunvizinha dos municípios de Juazeiro do Norte e Crato, no Ceará, todo final do mês de maio reza a tradição que homem, menino, mulher devem percorrer as ruas em direção à igreja matriz. São 13 dias de trezena para saudar o santo casamenteiro, Santo Antônio.

Distante 500 km da capital do estado, Fortaleza (CE), a cidade conta com uma população estimada em 61.662 pessoas que mantém a tradição do festejo junino como elemento de identidade territorial e de movimentação socioeconômica.

A Festa de Santo Antônio ou mais conhecida com festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio é um evento recorrente no calendário da cidade, como parte do roteiro turístico. Atrai pessoas pelas características singulares da festa, que reúne diversos grupos culturais, tais como reisados, bandas de zabumbas e populares que percorrem as ruas para acompanhar o hasteamento do pau da bandeira na igreja matriz.

Em Barbalha, as festividades relacionadas a esse evento tiveram início no ano de 1928, quando o vigário José Correia de Lima “resolveu instituir o carregamento do mastro no qual seria hasteada a bandeira do padroeiro” como marco inicial da abertura dos festejos de Santo Antônio, como relata o historiador Océlio Teixeira de Souza (2003, p.1)

Referência

SOUZA, Océlio Teixeira. A festa do pau-da-bandeira de Santo Antônio de Barbalha(ce): Uma experiência religiosa popular. Disponível em https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548177542_1d324b6893fa631c9f230833a2c85873.pdf. Acesso em: 12 maio 2022

A festa ao longo dos anos cresceu e ganhou outros adornos culturais. Inicialmente, configurada apenas com um viés religioso, incorporou, com o passar dos anos, o caráter profano de carnavalização do festejo, quando foi assumido pelas camadas populares como uma das festividades mais ricas do calendário da cidade, com danças, bebidas, músicas e comidas. Dessa forma, os carregadores do pau da bandeira construíram um espaço de afirmação da cultura popular no calendário oficial organizado pela Igreja local (SOUZA, 2003).

Durante os dias de novenário são realizadas missas, quermesses e eventos organizados pela própria igreja em alusão ao santo padroeiro da cidade. Também existe uma vasta programação musical e cultural. A cidade instituiu no calendário o dia do pré-pau, no qual as festividades musicais fazem a abertura do evento.

Como o santo Antônio é famoso por ser conhecido como o casamenteiro, em uma das noites é comemorado a noite das solteironas. A folclorização da festa também é marcada por questões de gênero e pela “erotização do mastro” (SOUZA, 2003). Um exemplo da credence popular é se a moça pegar no pau tem grandes possibilidades de casar-se em breve, abençoada pelo santo casamenteiro.

Do religioso ao profano, o momento alusivo da programação tem seu ponto máximo no domingo quando há o desfile do cortejo com diversas manifestações culturais e a chegada do pau da bandeira trazido pelos carregadores direto da mata e hasteado, com reverência ao santo junino, ao lado da igreja da Matriz. E assim se mantém a tradição de abrir os festejos juninos, saudando o santo casamenteiro.



São João passou por Juazeiro

Arilsângela de Jesus Conceição¹
Adson Cardoso de França²
Tânia Cristina da Silva³

10

Foto: Assunivasf

¹Graduada em Nutrição (UFRB), Mestre em Ciências da Saúde (UNIVASF) e Doutoranda em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT-UNEB)

²Pedagogo (UNEB), Mestre em Extensão Rural (Uneb) e Doutorando em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT-UNEB)

³Pedagoga (UNEB) Mestra em Administração (UFBA), Pedagoga (UNIVASF) e Doutoranda em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT-UNEB)

A

s tradições podem perdurar no tempo por costumes culturais que são repassados de geração para geração, algumas sofrem mudanças relacionadas ao contexto social e novas práticas sociais. Em Juazeiro, a tradição de cultuar o São João se manifestava na estreita relação com hábitos culturais de comidas típicas que se ofertavam na época do ano. As pessoas montavam uma mesa comprida, seja na sala da frente ou até na porta de casa, enfeitada com pano de chita ou papel crepom, em reverência ao santo junino.

Quem passava dizia: “São João passou por aqui?” O dono da casa respondia: “Passou!”. E todos experimentavam as comidas feitas com milho. Diziam: “Vou experimentar essa canjica, eu vou comer aqui e já comi lá também”. Brincando, passavam de casa em casa, comia a canjica “visquentá”, “dormida” de um dia para o outro, pois comida de milho “sentava”, de um dia para outro.

Essa é uma das reminiscências do São João na cidade de Juazeiro a partir do relato da pedagoga e diretora do Museu Regional de Juazeiro, Rosy Luciano Souza Costa. Os caminhos pela memória podem permitir reconstituir aspectos identitários do festejo que permanecem até hoje, quando se preserva o hábito de servir uma mesa farta e colocar as fogueiras na porta de casa.

Rosy Costa conta que o São João era considerado a festa da cidade, pois todos tinham o costume de colocar as mesas. A manifestação era cultuada com mais fervor pelas camadas pobres, as que residiam nas ruas de baixo, formada por lavadeiras, cocadeiras, canoeiros.

Ao amanhecer o dia, incorporavam outras práticas ritualísticas, a exemplo de enfiar uma faca virgem na bananeira, para que a seiva da banana pudesse correr e formar uma letra; na formação da letra, era a inicial de quem a pessoa iria casar-se. Também rezava-se bastante, outra prática era colocar a reza embaixo do travesseiro e dormir para sonhar com o marido.

Nos dias do São João, cada casa queria ter sua fogueira. “Quebrava árvores e plantava dentro dela, lá em cima da árvore colocava vários brindes, entre eles, dinheiro. Quando a fogueira estava alta, desafiavam as pessoas para subir e pegar os brindes”, relembra Rosy. Tinham várias brincadeiras, como “quebra pote” e “pau de sebo”.

A dança e a música eram códigos culturais compartilhados no festejo. Cada rua ensaiava suas quadrilhas. Dançavam com roupas padronizadas ou caipiras. As mulheres passavam maquiagem, um ruje, para dizer que era caipira, amarravam umas fitas no cabelo. Noivas e noivos se preparavam para dançar a quadrilha. Os instrumentos musicais comuns eram sanfona e zabumba, esclarece Rosy Costa.

Os três santos - Antônio, São João e São Pedro - eram reverenciados com novenários. Nas novenas tinham os “noiteiros”, pessoas que davam as velas, davam os “foguetes” e comidas. Na hora de soltar os fogos, os chamados “foguete do rabo do mel”, parecia um cometa, amarelo, formando estrelinha. E no final, caía uma vara. O povo gritava, com medo, “olha a vara na cabeça” quando os foguetes explodiam no céu, rememora a diretora do Museu.

Desse passado que ainda permanece como memória afetiva, percebe-se que famílias buscam se reunir, ainda hoje, em frente das casas, procuram degustar comida à base de milho e algumas quadrilhas mantêm vivo o colorido e a alegria do festejo.



São João arrasta pé no salão

Arilsângela de Jesus Conceição¹
Adson Cardoso de França²
Tânia Cristina da Silva³

12

Foto: Assunivasf

¹Graduada em Nutrição (UFRB). Mestre em Ciências da Saúde (UNIVASF) e Doutoranda em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT-UNEB)

²Pedagogo (UNEB), Mestre em Extensão Rural (UNEB) e Doutorando em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT-UNEB)

³Pedagoga (UNEB) Mestra em Administração (UFBA), Pedagoga (UNIVASF) e Doutoranda em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT-UNEB)

A

quadrilha Junina Buscapé, situada num bairro popular do município de Juazeiro-BA, o Bairro Quidé, foi fundada em 2006 a partir do desejo de crianças que admiravam a dança, mas só podiam participar das quadrilhas no ambiente escolar. Segundo a presidenta do grupo, Zenaide Diogo, “foi o desejo de meus filhos e primos que eram crianças, que assistiam as quadrilhas somente na escola. Havia uma quadrilha de adultos, mas era formada somente por homens, chamada de ‘peruas’”.

As crianças não podiam dançar a quadrilha com os adultos, em virtude da idade e do formato, por isso manifestaram a vontade de iniciar um grupo de quadrilha. À época, Zenaide era catequista da igreja católica, e juntamente com algumas crianças, iniciou os ensaios com 12 participantes e se apresentaram para a comunidade no dia 24 de junho, dia escolhido para comemorar o aniversário do grupo. O incentivo da comunidade foi um dos motivos que impulsionou o grupo.

São 16 anos de existência e preservação da tradição junina. “Inicialmente dançávamos de forma tradicional pelas quadrilhas mais simples, chamávamos ‘meio amatutada’. Com o tempo, houve necessidade de mudar de estilo, entramos no formato estilizado, termo que se refere ao processo de profissionalização dos grupos de quadrilha, com envolvimento com concursos e federações.”, relembra Zenaide.



Foto: Assunivasf



Com o passar dos anos as crianças tornaram-se homens e mulheres, o grupo foi agregando novos participantes e novos significados, refletindo as contradições de uma sociedade diversa, das comunidades periféricas e as particularidades étnicas. “Além de dançar quadrilha, percebemos a necessidade de transmitir uma mensagem para a sociedade. Procuramos fazer da Junina Buscapé não só um grupo de dança, mas um grupo que despertasse os potenciais de cada um. Que trouxesse experiências positivas”, explica Zenaide.

A experiência da quadrilha junina é um exemplo de uma prática de resistência cultural, pois valoriza “o popular e a tradição como reivindicação libertária de acesso aos direitos públicos coletivos”, como proposto pela pesquisadora Gislene Moreira (2018, p. 216), ao classificar a produção cultural dos sertões contemporâneos.

Assim, compreende-se que a efetivação de políticas públicas somadas ao engajamento dos sujeitos nas práticas sociais reflete justamente que a territorialidade não provém do simples fato de viver em um lugar, mas na comunhão que nele mantêm-se (SANTOS, 2007).

Vale ressaltar que tal experiência também revela a necessidade de reprodução de alguns elementos da produção cultural para se manter atrativa para o público. Nesse sentido, Zenaide destaca que “as pessoas perderam o interesse pelas quadrilhas antigas, e se interessam mais pelas quadrilhas estilizadas”. O termo quadrilha estilizada é uma designação que apareceu ao longo do processo de profissionalização dos grupos de quadrilha, seu envolvimento com concursos e federações. Paula (2020) afirma que, na Bahia, as quadrilhas juninas estilizadas foram estimuladas por concursos promovidos por uma emissora de televisão entre as décadas de 1980 a 1990, o que motivou o surgimento de vários grupos de quadrilha, já que a competição mobilizava uma grande audiência.

Nesse contexto, Milton Santos (1994) fala que território são objetos e ações, sinônimo de espaço humano e espaço habitado. Salienta também que o brasileiro se orgulha da sua continentalidade, que nosso território tem um papel importante na formação social. Isso mostra que embora a força política territorial e cultural não esteja presente na vida dos fazedores de cultura, as representações artísticas culturais mantêm-se vivas.

O Grupo Junina Buscapé é filiado à Federação Baiana das Quadrilhas (Febaq), já foi premiado em algumas competições locais, foi contemplado em dois editais, sendo o primeiro um edital simplificado do estado da Bahia, no ano de 2017; e o segundo, em 2021, pela Lei Aldir Blanc, a partir do edital “Manifestações Populares 2020”, da Prefeitura Municipal de Juazeiro-BA, com o projeto “Formação para quadrilhas juninas: um viés de fortalecimento”.

O grupo já conta com a participação de 40 quadrilheiros, chamados de “brincantes”, mais 15 pessoas que compõem a diretoria e outras pessoas voluntárias. A ação cultural tem sido direcionada para estimular o protagonismo juvenil e a inserção dos jovens no mundo do trabalho, buscando valorizar as habilidades que cada um tem. “Habilidade de maquiagem, de arrumar o cabelo com penteados. E esse talento foi aproveitado na quadrilha Junina Buscapé, além de servir de estímulo para outros trabalhos fora do grupo cultural”, pontua Zenaide.

Os participantes da Junina buscam superar os desafios, como a falta de políticas para a cultura para a permanência dos grupos juninos na cidade. Esse não é um fenômeno isolado. A carência de políticas públicas culturais de fomento às quadrilhas juninas pode comprometer a salvaguarda da memória e a autossustentabilidade dos grupos, pois as manifestações não têm sido “reconhecidas como expressão cultural que mereçam proteção do Estado” (PAULA, 2020, p. 53).

Apesar disso, o grupo procura reafirmar a importância de se apropriar da tradição em uma perspectiva de resistência, pois a dança como parte do folgado junino tem possibilitado o reconhecimento do potencial criativo e emancipatório das comunidades populares, além de valorizar o sentimento de pertencimento ao território.

Referências

GONÇALVES, E. G.; BEZERRA, E. K. S. Tradição, Modernidade e Espetáculo: As Quadrilhas Juninas “A Bordo do Expresso Sonho Azul”. XVII ENECULT Encontro de estudos multidisciplinares em cultura, Salvador, 27 a 30 de jul. 2021.

MOREIRA, G. O boi neone o boiroubado: identidades e produção cultural nos sertões do século XXI. In: MOREIRA, G. Sertões contemporâneos: rupturas e continuidades. Edufba. Salvador. 2018. Disponível em: <http://www.saberaberto.uneb.br/handle/20.500.11896/991>. Acesso em: 13 maio 2022.

PAULA, S. G. Arromba chão que anima o salão, quadrilha de São João! Memórias, danças e transformações das quadrilhas juninas em Salvador. 2020. Dissertação (Mestrado em Dança) – Programa de Pós-Graduação em Dança, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, 2020. 185 f. il. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/33581>. Acesso em 13 maio 2022.

ROSA, Z. D. S. Entrevista sobre o Grupo de Quadrilha Junina Buscapé concedida a estudantes do Doutorado Profissional em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial da Universidade do Estado da Bahia. Juazeiro-BA, gravada em: 11 maio 2022.

SANTOS, M. Território, Globalização e Fragmentação, São Paulo: HUCITEC, 1994.

Doces e licores para o santo festeiro

Juliana Gabriela Alves de Oliveira¹

16



Foto: Juliana Gabriela Alves de Oliveira

¹Graduada em Ciências Biológicas (UNEB), Mestre em Biodiversidade Vegetal (UNEB) e Doutoranda em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT-UNEB)



ona Zenaide Silva do Nascimento, moradora da cidade Senhor do Bonfim, sempre foi amante do São João. Esse sentimento foi intensificado quando ela conheceu o amor da sua vida, Senhor Nilton Pereira Francisco, durante as festas juninas no ano de 1972. Os dois admiradores da grandiosa festa, concretizaram os votos de casamento em 27 de junho de 1975.

O São João tradicional era realizado dentro das casas, os moradores produziam diversas comidas típicas e uma bebida bastante atrativa, chamada licor, e recebiam diversas visitas para a comemoração. Por serem amantes dos festejos juninos e frequentarem vários forrós, ficaram muito conhecidos e identificados por esse período do ano. Então, após o casamento, as pessoas durante o período da festa, passaram a visitar a residência para celebrarem juntos, degustarem comida e louvar os santos festeiros. Ela fazia muitos licores para receber as visitas durante todo o mês de junho.

Diante da situação financeira do casal, como apenas o seu esposo trabalhava e seus proventos eram baixos, e já tinham três filhos, Dona Zenaide teve uma ideia e a concretizou. Ao invés de fazer licor para doar durante o São João, ela começou a comercializá-los no início da década de 1980 para melhorar a renda familiar. No início do empreendimento, produzia apenas licor de jenipapo, que era o auge do mês de junho. Anos depois, produziu dois sabores da bebida, passas e ameixa.

Com o aumento da procura do licor pela população, Dona Zenaide aumentou a produção e inseriu mais um sabor ao cardápio, licor de cajá. Este licor traz na sua composição um toque singular de amor, dedicação e empenho, receita que ela mesma criou e aperfeiçoou. Atualmente, seu cardápio está diversificado com onze sabores de licor-jenipapo, passas, ameixa, abacaxi, maracujá, cajá, cravo, amendoim, jabuticaba, tamarindo e chocolate.

Ela afirma que o “carro-chefe” é o licor de jenipapo. Produz, em média, para o mês de junho cerca de dois mil litros de licor, sendo que 50% é do sabor jenipapo. A produção deste licor começa no mês de dezembro quando os frutos começam a amadurecer e ela vai para três povoados na zona rural da cidade na busca para comprá-los.

Em seguida, faz a higienização e secagem dos frutos para, então, descascá-los, liquidificá-los, passá-los na prensa, para levá-los ao cozimento e adição do álcool. Tudo é feito de forma artesanal e, ela ainda acrescenta, que faz com muito amor. Os recipientes onde a bebida é colocada são de vidro e comprados em alguns bares da cidade. Ela faz a lavagem e assepsia de cada um deles. Com a tradição familiar de produzir licor, ela produz em média 240 litros de licor de jenipapo.

Antes, ela tinha a ajuda do seu esposo. Ele participava ativamente de todas as etapas da produção, porém com o seu falecimento em 28 de junho de 2021, Dona Zenaide com 71 anos de idade, está à frente sozinha do seu empreendimento e relata que cada etapa da produção está sendo cansativa, mas é o amor que a mantém firme. Esse sentimento que uniu o casal fez nascer o “Licor de Mamãe”, que movimenta também a economia dos festejos juninos em Senhor do Bonfim e região norte da Bahia.

Cultura escolar no São João da Praça

James Lima Chaves¹

18

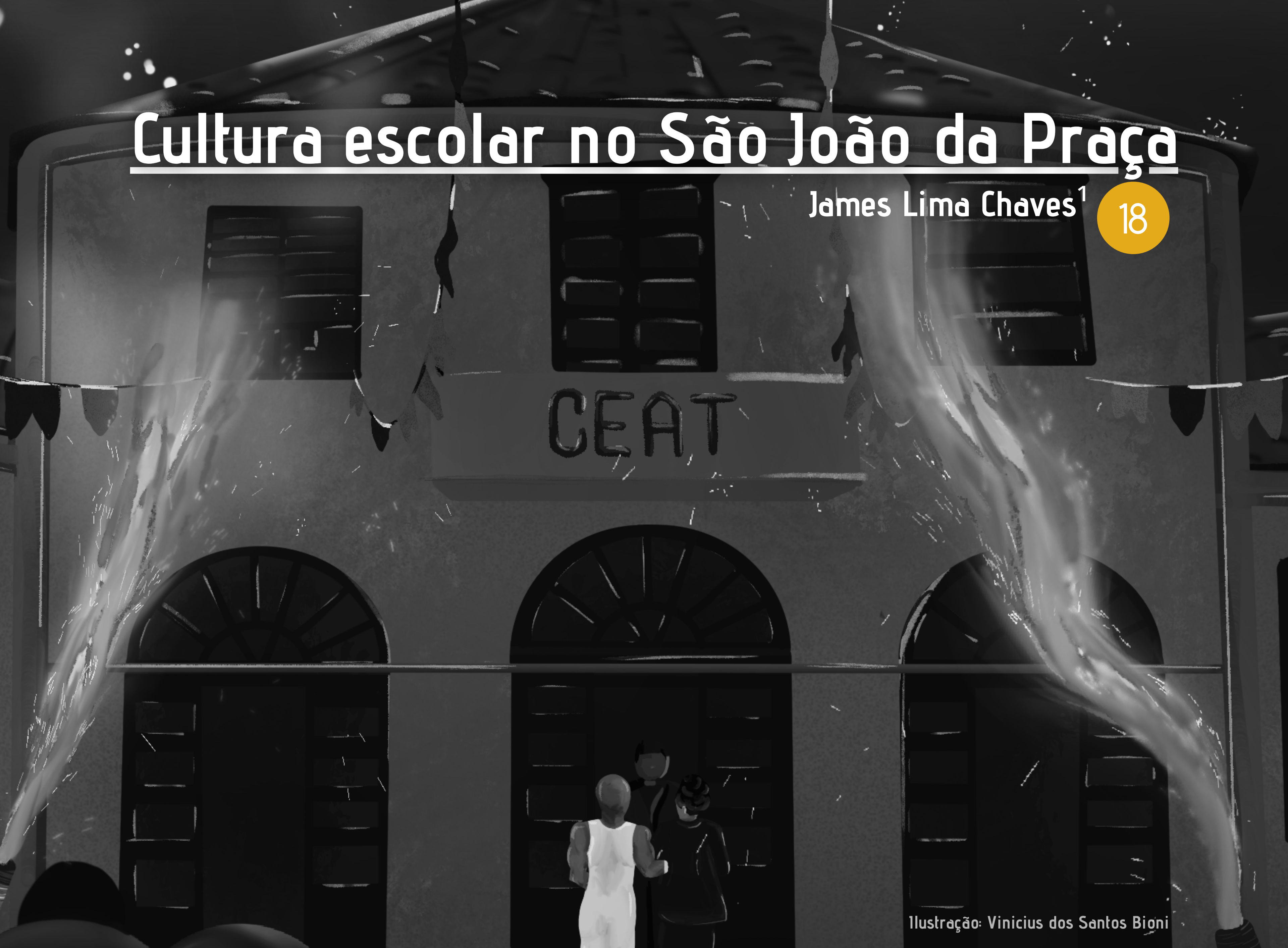


Ilustração: Vinicius dos Santos Bioni

¹Mestre em Planejamento Territorial pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e Doutorando em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT-UNEB)

A

s datas comemorativas fazem parte do calendário acadêmico de muitas escolas brasileiras, com cada mês destinado a uma atividade que, de forma interdisciplinar, colabora para o ensino-aprendizagem. As festas escolares juninas se inserem no contexto das práticas lúdicas, estimulando a socialização, o sentimento de pertencimento e identidade a traços de uma cultura popular (BARROSO, 2018).

Foi, a partir da década e 1970, que as escolas passaram a incorporar nos meses de maio, junho e até julho, práticas pedagógicas que rememoravam os festejos juninos em um trabalho integrado que envolve professores, alunos e a família (MARTINS, 2020). Como parte de uma cultura escolar, o festejo junino é uma tradição reinventada por professores e alunos, pois as escolas costumam adotar práticas diversificadas, desde as tarefas de ornamentação do espaço escolar, conhecimentos sobre a origem das comidas típicas à base de milho aos ensaios das quadrilhas.

No município de Cruz das Almas-BA, as festas juninas são extremamente valorizadas e experiências culturais nascidas no Colégio Estadual Alberto Tôrres (CEAT) enriqueceram os tradicionais festejos de São João, ocorridos na praça principal de Cruz das Almas-BA, cidade conhecida em toda Bahia pelos tortuosos e brilhantes caminhos riscados pelas Espadas no ar.

No final da década de 1970, o Colégio Estadual Alberto Tôrres implantou o projeto pedagógico intitulado “São João na praça”. O projeto visava despertar no alunado o interesse pela cultura popular, com cada grupo de estudantes encarregado de abordar temas ligados à festividade junina, tais como comidas típicas, quadrilhas, dança de roda e casamento na roça.

Nesse cenário, o Casamento na Roça foi o que mais se destacou pelo seu desempenho e criatividade. Nascido da iniciativa de estudantes engajados em um projeto pedagógico, o casamento CEAT virou tradição e motivo de orgulho para os cruzalmenses. Na preparação, em uma das salas do colégio, um aluno usa roupas de noiva e uma aluna de noivo, são “abençoados” pelo “padre” que também era um aluno. Todos vestidos a rigor com roupas coloridas alusivas ao período de São João. A escola se torna um palco que simula costumes de ambientes rurais, como é comum nos símbolos da fogueira e roupas de caipira.

Em Cruz das Almas, do lado de fora do colégio, o território é livre para ingestão de licor, queima de espadas e outros fogos, uma multidão de pessoas aguarda com ansiedade e alegria a ocorrência do casamento. Depois, o cortejo sai do colégio e passa pela Rua da Estação até a Praça dos Artífices, em direção à rua do hospital, rua da Suerdieck, Rua Crisógno Fernandes, daí até o coreto na Praça Senador Themístocles, onde se encerra a festividade.

Referências

BARROSO, Edna Rodrigues. Datas comemorativas ou significativas: festas juninas na escola. *Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal*, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 22-28, abr. 2018. ISSN 2359-2494.

Disponível em:
<http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/415>. Acesso em: 20 jul. 2022.

MARTINS, Raphael. Festas juninas escolares como elementos constitutivos da cultura escolar e seus desafios contemporâneos. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Formação, Currículo e Prática Pedagógica). Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2020
<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48140/tde-15062021-115120/en.php>. Acesso em 20 de jul 2022

Cultura musical nos festejos juninos

Carlos Henrique Brandão Gomes¹
Dajana Gabriella Nobrega Santos da Silva²

20

Foto: Site da Prefeitura de Paulo Afonso

¹ Mestre em Extensão Rural pela Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, Doutorando em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT-UNEB)

² Mestra em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental, Doutoranda em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT-UNEB)



A

origem dos festejos juninos antecede a era cristã. Essa época específica do ano correspondia ao período em que antigas civilizações se manifestavam em rituais de celebração de colheitas. Persas, egípcios, celtas e bretões acendiam tochas e fogueiras como forma de espantar os espíritos malignos das plantações (FRAZER, 1982). No mês de junho, celebram os santos juninos - Santo Antônio, São João e São Pedro.

Em Paulo Afonso, a tradição desses festejos movimenta a comunidade que se embala ao som do fole do acordeom e do batido da zabumba. As festas se iniciam com a trezena de Santo Antônio no vizinho município de Glória-BA, com 13 dias de rezas, música, dança e comidas típicas.

Após a abertura do Santo Antônio, Paulo Afonso se prepara para comemorar o São João com festividades em palcos de eventos e mantendo a tradição de ter artistas que se dedicam ao forró. Músicos como Elias Noqueira, Nilson Brandão, Deca do Acordeon, Jorge Brandão são disputados na região durante os festejos. Nas lembranças da comunidade, ainda se mantém vivas as apresentações de cantadores como Toinho dos Dissonantes (aposentado) e Enoch do Acordeom (*in memoriam*).

A tradição de festejar o São João era um costume local, as “ruas eram enfeitadas com bandeirolas e balões, havia as tendas, o palco tosco, as fogueiras, as quadrilhas e os trios de forró de serra varando as noites, tocando as músicas juninas” (PAULO AFONSO, 2018, p. 52). Quadrilhas como Balão, Pé no Ar, Fogo no Pé, Xodó Beleza, Carcará de Ouro, Canção do Forró, Chapéu de Palha se apresentavam nas ruas Barão do Rio Branco, Castro Alves, Riachuelo, Castelo Branco, Santo Antônio, Rui Barbosa, Tamandaré, Rua D, Manieta Ferraz (PAULO AFONSO, 2018, p. 52).

Reverenciada pela comunidade, Vitória Maria dos Santos, mais conhecida como Mama Vitória, representava a força, a criatividade e a riqueza dos festejos de São João, pois organizava quadrilhas e realizava festejos juninos completos com arraiais esplendorosos.

Mama Vitória realizava os ensaios das quadrilhas na sua residência em uma demonstração de abnegação e amor pelo santo forrozeiro. Até hoje, os moradores da Rua Castelo Branco se recordam, com saudade, dos gloriosos e animados festejos. Em 1995, Mama Vitória recebeu título de cidadã de Paulo Afonso como reconhecimento de seu comprometimento com a cultura junina local.

Referências

FRAZER, Sir James George. O Ramo de Ouro. Zahar Editores, 1982.

HOBBSAWN, Eric; RANGER Terence. A invenção das Tradições. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

PAULO AFONSO (BA). Plano Municipal de Cultura de Paulo Afonso. Projeto de Lei 012/2018, Fevereiro, 2018. Disponível em: https://www.cmpa.ba.gov.br/arquivos/projetos_de_leis/2018/2284.012.2018.pdf. Acesso em 26 de jul de 2022.

Mama Vitória realizava os ensaios das quadrilhas na sua residência em uma demonstração de abnegação e amor pelo santo forrozeiro. Até hoje, os moradores da Rua Castelo Branco se recordam, com saudade, dos gloriosos e animados festejos. Em 1995, Mama Vitória recebeu título de cidadã de Paulo Afonso como reconhecimento de seu comprometimento com a cultura junina local.

Além de Mama Vitória, outras lideranças também organizavam o São João, como Zé Pastel, Heleno dos Cangaceiros, Dorgival, Dona Ditinha, Quinca, Adilson, Mel e Vadilson, Wilson, Gelson, Elmair, Junior Coreógrafo, Dona Modéstia, Daniela, Wilson (PAULO AFONSO, 2018, p. 52).

Com o falecimento de algumas lideranças, houve diminuição das disputas de quadrilhas realizadas nas ruas e outras práticas culturais foram surgindo, pois as tradições passam por processos de reinvenção e recriação, se amoldando às comunidades em que figuram, assimilando conteúdos locais. Assim, a repetição dentro de determinado contexto acaba convertendo o que era adaptação, tornando-a característica daquela tradição local (HOBBSAWN; RANGER, 1997).

Assim, a celebração do São João se modificou e, atualmente, ocorre no palco de grandes eventos com apresentação de cantores de variados estilos. Na comunidade, ficou a memória de lideranças culturais, como Mama Vitória, homenageada nos eventos promovidos pelo poder público

Bruno César – Espaço Plural/Univasf



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA



Programa de Pós-Graduação
**AGROECOLOGIA E
DESENVOLVIMENTO
TERRITORIAL**